A PLEBE

ASSIGNATURAS
Anno . . . 10$000 — Semestre . . . 6$000
PAGAMENTO ADIANTADO
As assignaturas começam sempre no dia 1.o do mez em que são tomadas
Numero avulso: Da semana $100; atrazado $200

Toda a correspondencia a EDGARD LEUENROTH
Endereço: Caixa Postal, 195 — S. PAULO - (Brasil)
Redacção e Administração: Rua Cap. Salomão, 3-D (Sobrado) — Junto ao Largo da Sé

ANNO I -:- NUM. 5
9 de Julho de 1917
PUBLICA-SE AOS SABBADOS
Os annuncios na 4.a pagina são inseridos á razão de 300 réis por centimetro de columna

O MOMENTO

O porquê das Gréves

O Brasil tem sido o paiz ideal dos aventureiros, dos argentarios que vivem a extorquir pela astucia e pela força a pobre humanidade. A industria e o commercio de homens, mulheres e crianças goza, nesta terra de *promissão*, todas as garantias e faz o mais ruidoso successo.

O delinquente apatacado possue carta branca para alliviar o povo do producto do seu trabalho, e triplica a fortuna em quatro dias. A quem tem dinheiro não se lhe pergunta de onde vem: é recebido de braços abertos, podendo montar aqui a sua machina de exploração, protegido pelo Estado e abençoado por todas as igrejas.

Sob o auriverde pendão da patria e da republica, e a protecção das *nossas* instituições democraticas, liberaes e igualitarias, exercerá o privilegio de fazer o operario trabalhar por qualquer preço... ou gratuitamente, nas fazendas, nas fabricas ou nas officinas.

Se os operarios morrem á mingua e se lamentam, que vão queixar-se á virgem dos desamparados; se reclamam e protestam ahi está a policia, o exercito, a armada e todo o apparelho legalitario, que é uma joia de justiça, para acalmar os seus animos, indignações e desesperos, com banhos de sabre, ou os frios pavimentos dos calabouços correccionaes.

Com effeito, as cousas não podem correr de outra fórma porque os escravocratas, outr'ora proprietarios de escravos, acharam muito commodo implantar este novo regimen de servidão, por ser mais simples e lucrativo, e os hodiernos tratantes de arribação, mesmo reconhecendo que é de uma brutalidade inaudita a base em que elle se apoia, defendem-no com todas as suas forças; pois que, para favorecer as suas tentativas de accumular fortuna não podiam achar coisa melhor. Mormente, nas presentes circumstancias, em que a guerra provocou na Europa uma crise na agricultura e na industria. Esses dois ramos de exploração moderna tomaram aqui, para gaudio dos burguezes, um incremento extraordinario, fabricando-se até apparelhos de guerra, chovendo, diariamente pedidos de mercadorias de toda a classe. Não podem os aventureiros aspirar a um campo de acção superior a este, onde, mais do que em outra qualquer parte, existe um governo barbaro, que se constitue em açoute do povo, ao serviço dos carniceiros que se alimentam e enriquecem com o suor dos trabalhadores, e onde vegeta um proletariado que até hoje tem manifestado o seu servilismo e a sua inconsciencia, permanecendo distrahido em face dos problemas operarios e sociaes, entregue á sanha do primeiro larapio que pretenda roubar-lhe os parcos productos das suas actividades e energias.

Isto, porém, devia ter um fim.

A grande baixa dos salarios ha pouco occasionada pela crise de trabalho, não póde, de forma alguma, perdurar, sabendo-se, como todo o mundo sabe, que os capitalistas estão ganhando rios de dinheiro. A crise economica, isto é, a falta de mercadorias, que encarecem dia a dia, não é causada pela paralização na agricultura ou na industria; ao contrario, como já constatamos, nunca houve aqui tanto desenvolvimento na producção: o que motiva a falta de generos de primeira necessidade é o açambarcamento feito por uma chusma de exploradores que remettem para a Europa e para os Estados Unidos a maior parte dos productos, para alimentar a guerra!... privando a população do paiz daquillo que precisa para satisfazer as necessidades do consumo.

Segundo a ultima estatistica publicada pela imprensa, a exportação realizada no passado semestre deste anno foi superior á que teve lugar durante todo o anno de 1916.

A miseria e o trabalho transformam-se em ouro, em vil metal, que corre em torrentes caudalosas para os cofres dos negreiros do Capital e do Estado, operando-se este milagre pelo talisman da exploração e do imposto.

Ao lado dessa incalculavel accumulação de riquezas, que são esbanjadas na depravação e no vicio, no jogo, na embriaguez e na prostituição pelas classes abastadas e pelos funccionarios publicos, existe um proletariado que não encontra com o seu trabalho recurso algum para matar a fome dos seus filhos.

Este crime social é demasiado grande para que até os mais neophitos não o vejam e não protestem contra elle.

Dahi provém, pois, o movimento de reivindicação operaria, as gréves com as suas consequencias.

Os capitalistas e os governantes permanecem imperterritos na sua intransigencia, appellando para os seus direitos, para a lei e para as forças armadas.

Mas os direitos e as leis dos [illegible] imperio da iniquidade social, da injustiça na distribuição do trabalho e da riqueza.

E torna-se inutil arguir com qualquer theoria, principio ou lei que vise defender este estado de coisas, porque, acima de todas as theorias, de todos os principios, de todas as leis, estão as necessidades naturaes da especie humana. A riqueza social e a liberdade são patrimonios naturaes do povo trabalhador e não ha razão, ou privilegio que o possa privar desses direitos.

O operariado realiza, portanto, uma obra justiceira conquistando pela gréve ou outros meios de acção directa tudo quanto lhe é extorquido, roubado legal ou illegalmente.

E não devem perder esta occasião favoravel em que os collocou o incremento do trabalho, que evita em parte a concorrencia de braços. O movimento deve generalizar-se a todas as classes, alastrar-se por todo o paiz, afim de que as conquistas sejam mais rapidas e radicaes.

Os patrões e os estadistas oppõem-nos como argumento mais contundente os regimentos de esbirros. Isso, porém, não deve fazer retroceder o povo. Todas as conquistas de emancipação, todas as revoluções populares tiveram logar, apesar das hostes armadas ás ordens dos dominantes. Além disso o emprego da força só póde servir para desmoralizar o regimen burguez, para accelerar a sua decadencia.

Se até hoje o Brazil tem sido o paiz ideal dos aventureiros e dos argentarios que se servem do povo para a realização das suas criminosas ambições, façamos delle o paiz do trabalho, do bem-estar e da liberdade, enxotando todos os lobos carniceiros que o infetam.

E se, como dizem alguns jornalistas a soldo, o movimento de reivindicação operaria obedece á agitação promovida pelos anarchistas, se estes elementos e ideias que professam podem influir para abreviar a victoria da liberdade, para a reivindicação de todos os direitos do povo, então — salve, ó cavalleiros de epopeia libertaria!... Salve, ó sublime ideal da Anarchia!

Florentino de Carvalho

O QUE URGE FAZER

SANEAR A TERRA

Guanabarinas

Rio, 3 de julho — *A quebra total da nossa neutralidade foi recebida por este ultrapacifico povo carioca com a maior indifferença possivel. E' muito provavel que nove decimos da população ignorem por completo ter o governo decretado o enfileiramento do Brazil na retaguarda das potencias inimigas da Allemanha. Esse decreto, virtualmente, vale por uma declaração de guerra: mas é como si não valera... Os leaders do patriotismo entendem que essa attitude musulmana do povo demonstra uma extraordinaria e admiravel serenidade, que os governantes podem tomar como approvação e applauso aos seus decretos. Eu não sei bem o que isto seja, e francamente não gosto de gente armentosa e impassivel, mas este quietismo indifferente afigura-se-me, pelo menos em parte, resultante desse fundo intuitivo de bom senso que a massa possue. Si lhe falta uma consciencia nitida dos acontecimentos, e nesse caso o gesto popular seria de franca revolta contra a quadrilha dominante, parece bem que é a intuição, mesmo vaga, da tremenda vergonha, da suprema cobardia, a que nos vão arrastando, que torna este povo parado e cabisbaixo ante a gravidade do momento. E ha a notar a coincidencia da adherencia definitiva da Grecia aos flancos dos alliados, reduzida a cacos a soberania grega por esses mesmos campeões universaes do direito das pequenas nacionalidades... A Grecia, no entanto, ainda guardará um saldo a seu favor: resistiu durante mais de dois annos á pressão franco-ingleza, cedendo sómente, em ultima instancia, diante da esquadra de Jounet e do exercito de Sarrail, promptos a repetir em terras da Hellade as façanhas commettidas na Belgica pelas tropas germanicas. O governo do Brazil, não, esse não resistiu dois minutos: poz-se logo ás ordens do inglez e do americano, recebendo os seus vasos de guerra com o immenso riso limpatrilhos do incomparavel chanceller Nilo Procopio Peçanha...* — **Astper.**

«A Plebe» em Ribeirão Preto

Acha-se á venda na Livraria Sêlles, rua Amador Bueno.

A PLEBE

Ahi jaz espalhada pela Cidade, como estérco vil que fecunda a Cidade. Os seculos rolam; e sempre inmutaveis farrapos lhe cobrem o corpo, e sempre debaixo delles, atravez do longo dia, os homens labutarão e as mulheres chorarão. E com este labor e este pranto dos pobres, meu Principe, se edifica a abundancia da Cidade!

Eil-a agora coberta de moradas em que elles se não abrigam; armazenada de estofos, com que elles se não agasalham; abarrotada de alimentos, com que elles se não saciam!

Para elles só a neve, quando a neve cahe, e entorpece e sepulta as criancinhas aninhadas pelos bancos das praças ou sob os arcos das pontes de Pariz... A neve cahe, muda e branca na treva: as criancinhas gelam nos seus trapos: e a policia, em torno, ronda attenta para que não seja perturbado o tépido somno daquelles que amam a neve para patinar nos lagos do Bosque de Bolonha com pelliças de tres mil francos. Mas quê, nem Jacyntho! a tua Civilização reclama insaciavelmente regalos e pompas, que só obterá, nesta amarga desharmonia social, se o Capital der ao Trabalho, por cada arquejante esforço, uma migalha ratinhada.

Irremediavel é, pois, que incessantemente a plebe sirva, a plebe péne! A sua estalfada miseria é a condição do esplendor sereno da Cidade. Se nas suas tigelas fumegasse a justa ração de caldo — não poderia apparecer nas baixelas de prata a luxuosa porção de *foie-gras* e tubaras que são o orgulho da Civilização. Ha andrajos em trapeiras — para que as bellas Madamas d'Oriol, resplandecentes de sêdas e rendas, subam, em dôce ondulação, a escadaria da Opera. Ha mãos regeladas que se estendem, e beiços sumidos que agradecem o dom magnanimo dum *sou* — para que os Effains tenham dez milhões no Banco de França, se aqueçam á chamma rica da lenha aromatica, e surtam de collares de saphyras as suas concubinas, netas dos Duques de Athenas. E um povo chora de fome, e da fome dos seus pequeninos — para que os Jacynthos, em janeiro, debiquem, bocejando, sobre pratos de Saxe, morangos gelados em *champagne* e avivados d'um fio de ether!

EÇA DE QUEIROZ

Commentarios de um plebeu

A anarchia, systema de exploração

O cathedratico orgam da praça Antonio Prado, o velho e grave e profundo «Estado de S. Paulo» publicou, na edição da noite de 20 do ultimo mez, a proposito de gréves operarias, uma interessante noticia com interessantes e ineditas considerações.

Entre estas considerações, realmente imprevistas, deparou-se-nos a seguinte, que aquella folha marcou e sellou com o sello e a marca do seu estylo nobre, compassado e sisudo.

Diz o sapientissimo orgam: «Aqui, como em toda a parte, ha *gréves* justas e injustas. Como em toda a parte, estes movimentos podem trazer ou não trazer o cunho de explorações anarchicas ou socialistas».

De sorte que o anarchismo não é, como tive a candura de suppor e pensar, nem uma doutrina economica nem um systema politico. Mas simplesmente e irremediavelmente um meio de exploração, um modo de vida e uma industria. Lá está o termo, — «Explorações anarchicas ou socialistas» — que, segundo creio, não dá logar a duvidas.

E ninguem vá suppor, — o que seria grave injuria para os creditos do «Estado» — que ao falar de explorações anarchicas, usasse o venerando orgam semelhante designação para alludir a uma actividade licita, com garantia nas leis e nos costumes. Nada disso. O termo «explorações» foi posto alli com sentido figurado e, figuradamente, a linda palavra «explorações» quer dizer, como se sabe, esta linda e amavel coisa: — especular com a bôa-fé, com a ignorancia ou com a situação de alguem, usufruindo á sua custa interesses illicitos.

Assim, no conceito do «primeiro jornal deste paiz», as doutrinas anarchistas como as doutrinas socialistas são proprias de malfeitores, que malfeitores exploram em seu unico e exclusivo proveito. E porque são proprias de malfeitores, e malfeitores os que as praticam, propagam e preconizam, é que «O Estado», embora não o diga, deixa claramente entrever que uns e outros, anarchistas e socialistas, pedem urgentemente medidas e providencias, as quaes providencias e medidas são, para «O Estado», cadeia e deportação, já que, por desgraça, a forca e a fogueira não existem no Brazil.

E tem «O Estado» muita e muitissima razão em assim pensar e assim suggerir. O anarchista é, da especie humana, o peor e o mais nefasto dos seus representantes. A sua historia é longa e tenebrosa. E' uma historia de crimes e irreverencias contra as instituições, os governos, os costumes, as patrias, os deuses, as religiões.

Estes anarchistas, estes salteadores e bandidos são muitos, são numerosos, são infinitos. Enchem a terra, e a terra inteira, pelos seus governos, os seus tribunaes, [illegible] seguem-nos, fusilam-nos.

Conhece, de certo, «O Estado» alguns delles, os mais notaveis ou, se assim o quer, os mais bandidos. Terá ouvido falar do conde de Tolstoi e do principe Kropotkine.

Pois bem, que querem este conde e este principe? Estes dois sujeitos, estes dois malandros que querem?

Querem esta coisa monstruosa e absurda, esta coisa pulha: — que não haja fome no mundo, que não haja senhores, que não haja reis! O primeiro, o sujeito Tolstoi fez romances, escreveu livros, e nesses livros e romances defendeu e propagou as suas detestaveis doutrinas.

O outro, o principe, tambem escreve, difunde tambem as suas idéas de scelerado, proclamando que todos os homens têm direito a uma vida egual, que todos devem comer e ter uma habitação para morar e roupa para vestir. Um e outro, principe e conde, foram ricos, um e outro renunciaram á sua riqueza, um e outro ficaram pobres. São dois exploradores perigosos, dois emeritos tartufos, que, especulando com a bôa-fé dos outros, cedeu um as suas terras para que os camponezes as cultivassem e o outro as cedeu para que o governo as confiscasse.

Mas ha outros e ha muitos. Não, de certo, tão famosos, mas egualmente exploradores, scelerados e bandidos. O «Estado» conhece-os bem. Um delles é o que escreve estas linhas.

A nossa imprensa

Eu, como, de certo, toda a gente, tenho, nas minhas relações, alguns amigos originaes. Originaes e simplorios. Mas como o numero de pessoas simples é muito maior do que se suppõe, o que vou dizer e que para alguns será uma miudeza sem interesse, para outros, para o maior numero, talvez, tem a coisa a sua importancia e explica-se.

E' o caso que os amigos a que me referi encontrando-me, casualmente, na rua ou á meza de um café, (unicos pontos onde é certo encontrar os taes amigos) tomam uns grandes ares de piedade para

me dizerem, depois de me elogiarem, que é lastimavel escrever-se para um jornal semanal. Não dá nome nem gloria, dizem, e perde-se tempo. Será inutil esclarecer que os taes amigos se referem á «Plebe».

A um delles, que mais elogios que cuspia, perguntei de supetão:

— Mas você leu o jornal?

— Sim, respondeu desorientado, li o annuncio communicando o apparecimento e o seu nome num summario.

Piedosamente disse então a este amigo, que lera «A Plebe» em annuncio, o que este jornal, publicado uma vez na semana, representa como sacrificio e audacia, as suas idéas, o seu programma, a sua vida. Expliquei-lhe que se tratava de um jornal da vanguarda, preconizando uma ordem social radicalmente diversa da que existe; disse-lhe os perigos que correm tanto os seus redactores como os seus collaboradores; elucidei-o sobre o fim immediato da missão que o jornal se propõe, que é esclarecer e orientar o operario, ajudando-o a emancipar-se da servidão a que o regimen burguez o sujeita; demonstrei-lhe, por fim, que um jornal destes é o fructo de muitas vontades desinteressadas, do concurso de innumeros individuos pobres que para elle concorrem com o seu tostão tirado a um salario já de si insufficiente e mesquinho.

Depois, fiz mais ainda ao meu amigo. Abysmei-o com exemplos illustrativos. Citei-lhe jornaes de fóra, do extrangeiro, dirigidos por nomes famosos, e como «A Plebe» *semanarios, de tiragem restricta e vida precaria. Citei o exemplo de Malatesta no* «Volontà», *de Ancona, semanario; Citei Sebastião Faure no* «Ce qu'il faut dire», *egualmente semanario; Citei* «La Révolte» *e* «Le Révolté» *com Kropotkine e Eliseu Reclus em pessoas, para não ir até* «Temps Nouveaux», *com Grave. Como detalhe, accrescentei que, bemaventuradamente, os nossos jornaes são os unicos que não têm nem acceitam subvenções, porque os socialistas, quando são diarios, têm-nas sempre ou quasi sempre. Para não ir mais longe, disse-lhe o caso de* «L'Humanité», *subvencionado pelo governo da França.*

Por fim, para acabar de maravilhar o meu amigo, exprimi-lhe o [illegible] Ninguem, de estar disposto a escrever, gratuitamente, cem artigos para a nossa imprensa periodica e nem um, senão pago, para a grande imprensa diaria, que dá o nome e dá a gloria.

Com um han! de visivel desconcerto e um risinho incolor na face contrafeita, o sujeito meu amigo rodou definitivamente nos calcanhares.

R. F.

Sem os utopistas do passado, os homens ainda viveriam miseravelmente e nús em cavernas. Foram os utopistas que traçaram as linhas da primeira cidade. Desgraçado do partido politico que não tenha utopista!

Dos sonhos generosos saem as realidades bemfasejas. A utopia é o principio de todo o progresso e o desenho de um futuro melhor.

ANATOLE FRANCE.

RIDICULOS E COVARDES

Uma proeza dos partrioteiros de opereta

Como eram muitos, mostraram-se valentes

Decididamente, muito estupido é esse mesquinho sentimento de patrioteirismo que uma sucia de idiotas anda por ahi a ostentar, num requinte de imbecilidade, perturbando o socego alheio com as suas espalhafatosas palhaçadas.

Além do mais, caracteriza-se por uma grande dose de covardia, como acaba de ser evidenciado na cidade de Baurú, que vem de ser theatro de uma edificante occorrencia, da qual foi protagonista um bando desses typos inferiores.

Aproveitando a sua estadia naquella localidade, o camarada Evaristo Ferreira de Souza, que anda pelo interior em viagem de propaganda da *Guerra Social*, decidiu realizar uma palestra literaria na praça publica.

No dia e hora marcados, o nosso companheiro compareceu ao local annunciado por um boletim e, do coreto no mesmo existente, começou a falar a uma assistencia numerosa, entre a qual se encontravam muitos desses individuos que parecem ter o cerebro entulhado de esterco.

Como é natural, as palavras escaldantes de Evaristo de Souza feriram como ferro em braza os soldadescos ouvidos dos pobres diabos, que se puzeram a berrar como energumenos, proferindo toda a sorte de improperios e de palavrões muito proprios do seu vocabulario.

O nosso camarada proseguiu no seu discurso, entretanto os taes sujeitos, certos da impunidade e aproveitando-se covardemente da circumstancia de constituirem a maioria activa dos presentes, continuavam a gritar doidamente, levando o seu odioso proceder ao ponto de tentar aggredir o orador, a isso se oppondo o delegado e o commandante do destacamento, que dessa forma deram uma licção de civilidade aos patrioticos turbulentos.

Apesar de não lhe faltar a energia bastante para enfrentar como mereciam os desordeiros, o nosso amigo julgou acertado suspender a sua palestra, evitando assim que a occorrencia tivesse graves consequencias.

Convém registrar que constituiam o grupo de provocadores muitos desses individuos que se alistaram nas linhas de tiro com a esperança de, mui patrioticamente, se isentarem do sorteio militar. Tambem tomaram parte no kaiseresco feito certos *doutores* e um plumitivo do logar, que, em seu jornal, disse uma série enorme de asneiras. O mesmo fez outra folha local.

Como não puderam lançar mão do sediço recurso jacobino chamando o nosso companheiro de estrangeiro foragido, disseram ser elle um falso operario.

Pena foi que Evaristo de Souza não os fizesse sentir as caricias de suas mãos de trabalhador... Talvez assim crea-sem juizo.

A covarde brutalidade não passou, entretanto, desperecebida aos obreiros mais conscientes, que se mostram dispostos a agir no sentido de derrubar o topete a tal gente.

"O DEBATE"

Esta revista, cujo apparecimento fôra marcado para cinco do corrente, virá á luz impreterivelmente, no dia 12, no Rio de Janeiro. A sua direcção está confiada, como dissemos, á competencia dos consagrados jornalistas srs. Astrogildo Pereira e Adolpho Porto, o primeiro nosso velho amigo e assiduo collaborador d' «A Plebe», onde, desde o seu primeiro numero, subscreve as suas vivazes e encantadoras «Guanabarinas».

«O Debate», revista semanaria de actualidades, tratará de politica, questões sociaes, letras, etc.; manterá campanhas populares e agitará todas as questões tanto do interesse nacional como internacional.

Estamos certos de que o seu exito será o mais completo possivel, dado o excepcional momento em que apparece e a excellencia e opportunidade do seu programma, realmente vasto e suggestivo.

Notas simples

As gréves continuam estendendo-se admiravelmente, devido á grande exploração dos *honrados* industriaes e outra gente de negocios.

A nossa timida e pacata burguezia começa a ficar assustada com estes movimentos de rebeldia e protesto contra a ganancia de uns tantos aventureiros que têm sabido aproveitar a occasião para triplicarem as suas fortunas á custa da miseria e da ignorancia das classes trabalhadoras. Mas, felizmente, a plebe vae despertando do marasmo em que tem estado mergulhada e acha-se disposta a entrar na luta energica e altivamente, exigindo dos seus tyrannos mais um pouco de pão.

As gréves vão-se alastrando pelos bairros onde campeia o roubo e a escravidão industrial. Os proprietarios, em virtude da attitude dos grevistas, não terão outro recurso senão ceder ás modestas reclamações dos operarios. Que estes se mantenham no posto de combate até que os torpes exploradores os attendam nas justissimas exigencias, são os votos que faz o plebeu

Joly.

MARAVILHAS DA ORDEM BURGUEZA

A inquisição policial na cidade de São João da Boa-Vista

PROEZAS DO SUJEITO EDGARD DO NASCIMENTO REDONDO

Um homem do povo flagellado, outro publicamente martyrisado pelo delegado de policia em pessôa

Os acontecimentos com todos os detalhes

Amigos daquella cidade chamam a nossa attenção para os acontecimentos de extrema gravidade que alli se produziram e a seguir relatados.

A nossa cidade, habitualmente tão calma e pacata, foi nestes ultimos dias theatro de crimes revoltantes praticados pela policia, crimes repassados de tamanha covardia que repugnam a todas as consciencias e não podem escapar a uma severa punição.

Os nossos foros de civilisação estão firmados nos annaes judiciarios da comarca. Folheando-os, verá quem não conhece o meio em que vivemos que em cada decennio não se praticam dois crimes revestidos de certa hediondez e a propria cifra dos pequenos delictos é diminutissima.

De Março a esta parte, tivemos nada menos de cinco festas religiosas cheias de divertimentos profanos, dentro da cidade e nos seus arredores; e ao contrario do que se dá em outras localidades, nenhum crime, nem a mais insignificante desordem se verificou, a não serem tres factos de excepcional gravidade que a policia provocou, dentro de quatro ou cinco dias, e em que ella figurou como protagonista e unica responsavel.

O primeiro dentre elles representa uma prepotencia carnavalesca digna de bebedos inveterados, porém, que nem esta attenuante pode merecer porque a praticaram homens em perfeito juizo que se dizem encarregados de zelar pela tranquillidade publica.

Num dos pontos extremos da cidade, quatro ou cinco policiaes, de ronda, effectuaram a prisão de um maciste, um negralhão em coma alcoolico que dormia ao relento. Prenderam-n'o e, como se tratasse de um fardo muito pesado, os mantenedores da ordem, apesar de serem varios, não se dispuzeram a carregal-o. Passava nessa occasião um cidadão bastante conhecido, operario conceituado e chefe de familia. A policia chamou-o á fala e intimou-o a conduzir o preso ás costas até á cadeia publica, a mais de um kilometro de distancia. Esta intimativa foi feita em termos taes que o pacifico transeunte se desfez em excusas amaveis. De nada lhe valeram os motivos apresentados, nem os protestos que afinal se animou a formular. Como contra a força não ha resistencia, esse cidadão teve que atirar o negralhão adormecido ás costas e atravessar a cidade, carregando-o, num quadrado de beleguins armados.

Este facto que a alguem pode parecer pouco extranhavel, reveste-se de muita importancia porque demonstra o gráu de inconsciencia da policia; assume vulto consideravel porque poderia determinar uma repulsa legitima á mão armada por parte da victima, ou uma aggressão a sabre por parte da cafila fardada; é de um prognostico sombrio porque força a população a trazer armas e acceitar o dilemma — matar ou morrer!

O segundo foi o espancamento de um embriagado que passava pela rua Saldanha Marinho, nas proximidades do largo da Matriz, e, portanto, no centro da cidade. Era um mulato pacifico, que transitava pelo eixo da rua, vacillando, mas, a seu caminho e depois de fechado o commercio e cessado o movimento nas vias publicas. Dois soldados, que faziam a ronda (!), delle se apoderaram e, sem que de sua parte tivesse havido resistencia, mesmo porque esta era incompativel com o seu estado, espancaram-n'o a sabre, abrindo-lhe a cabeça, enchendo-o de cicatrizes pelo corpo e conduzindo-o á cadeia, de onde só sahiu depois que o Dr. Ary Filho apresentou um pedido de *habeas-corpus*.

Um novo regulamento policial especiaes recommendações, que significam outras tantas cautelas, sobre a conducção dos embriagados; no emtanto, a policia de S. João costuma desancal-os a facão e deixal-os apodrecer no carcere.

Presenciaram este espancamento varias familias que, já recolhidas, foram attrahidas pelo barulho das pancadas e gritos da victima. Ninguem ousou protestar ou intervir e ai de quem o fizesse!

O terceiro facto, de que foi protagonista o Dr. Edgard Redondo do Nascimento, delegado de carreira, em má hora destacado para esta cidade, em substituição ao Dr. João Pires Germano, autoridade correctissima que se acha de licença; o terceiro facto não tem qualificativos; é de uma covardia revoltante, de um atrevimento innominavel: relembra a inquisição, supera os horrores da autocracia russa, deixa a perder de vista o regimen da escravidão!

Felizmente o offendido não se conformou e houve entre os advogados quem se promptificasse a desaggravar a sociedade ferida em seus mais intimos sentimentos e a lei violada de frente por um individuo portador de um diploma em sciencias juridicas e sociaes que não podia ignorar o alcance de seu acto.

O caso foi levado ao conhecimento do M. Dr. Juiz de Direito da comarca em petição redigida pelo advogado Dr. João Baptista Bôa Vista e assignada por elle e pela victima da selvageria da policia. Tal é a fidelidade da narrativa que, fazendo-a nossa, vamos transcrever a parte daquelle documento que nos foi dado copiar:

«Exmo. Sr. Dr. Juiz de Direito.

Angelino de Souza, cidadão brasileiro, casado, lavrador e proprietario, domiciliado nesta comarca vem relatar a V. Excia. um facto de summa gravidade que comsigo se passou, antehontem, 26 do corrente, ás duas horas da tarde mais ou menos, em pleno coração da cidade; e pedir as providencias que o caso reclama.

O peticionario que se acha preso e processado por offensas physicas em Gabriel José Ferreira Costa (offensas praticadas em legitima defesa de sua propria pessoa, como se apurou no processo), não estando curado dos ferimentos por chumbos que Gabriel lhe produzira nas costas, solicitou naquelle dia a presença do Dr. Oscar Pirajá Martins para uma consulta. Chegado o clinico, foi o requerente retirado da prisão e com elle deixado.

Doente e maltratado no xadrez, carecendo dos cuidados de sua familia e vendo abertas as portas da cadeia, o requerente, apesar de tropego, tentou fugir, correndo para a rua. A policia, de sabres e armas emballadas, capitaneado pelo delegado de carreira Dr. Edgard Redondo do Nascimento, que empunhava um revólver, iniciou contra o peticionario a

---

OCTAVIO MIRBEAU

Em má hora morreu o virulento pamphletario e caricaturista do romance e do theatro. Hora confusa, hora turva, de regressão e ancestralidade...

Entretanto, no proprio mal está o seu correctivo: a immensa preoccupação do presente, sobrecarregada ainda com a nova tragedia auroral da revolução russa, não permitte prender a cada facto a nossa attenção fatigada e anciosa. Antes assim. Mais tarde, voltaremos a considerar com calma a imperecivel obra de vida de Mirbeau, sem reparar nos seus problematicos gestos sobre o leito de morte. Deixemos que os corvos das batalhas debiquem no cadaver inerte do iconoclasta, e nós guardemos-lhe apenas a sua alma ardente de grande artista revolucionario.

Grande artista revolucionario como bem raros o são. Em geral, o literato faz diletantismo mais ou menos sincero, e as idéas avançadas não o interessam senão pelo seu lado esthetico, pela sua fertilidade em sensações novas, pela frescura rara do motivo, pela facilidade de as engalanar com formas imprevistas e originaes. Esgottado o filão, lá vão elles, muito despreoccupadamente, em busca de novo assumpto e de novo publico, em viagem de exploração para o outro polo. E o mal que os literatos, com os seus exageros literarios intencionaes, e as suas palinodias elegantes de esthetas, têm causado á tarefa apaixonada e honesta de emancipação proletaria e social apresenta um saldo consideravel sobre o bem que lhe possam ter feito, offerecendo-lhe o vehiculo transmissor da arte, mas vestindo-lhe as ideias, aspirações e intuitos com o manto nem sempre diaphano da phantasia.

Eis porque sinto uma certa contrariedade, quando leio em ingenuos artigos da imprensa operaria e avançada um elenco do pessoal em vista, no qual, de cambulhada com os militantes completos, com os simples propagandistas e vulgarizadores, e — vamos lá! — com os theóricos de gabinete, lá vêm candidamente citados romancistas e poetas, — artistas, essas crianças amimadas e terriveis de todos os partidos e escolas. Porque emfim os literatos, na melhor das hypotheses, amam sobretudo a sua arte e vêem tudo pelo prisma da sua mentalidade especial, num desequilibrio provocado por uma constituição social em que a arte e a sciencia são modos exclusivos de actividade, separados do trabalho productivo.

Mirbeau não estará de todo isento dos defeitos por assim dizer profissionaes, não estará inteiramente livre da pecha de dilettantismo; mas, em todo o caso, na sua obra poderosa parece vibrar bem sentidamente a ancia, a raiva de ferir os esteios da sociedade de rapina e de violencia que dispõe do mundo.

E os seus romances e dramas são mais caricaturas ferozes do que novelas e peças de theatro. Aquillo é uma sarabanda infernal de flibusteiros da finança, de tubarões da politica, de padres pederastas e vorazes, de meretrizes da alta roda, de lacaios abjectos, de psycologos de bidé, á Bourget, de pintalegretes e merdimbucas, de pelotiqueiros e safardanas. Mirbeau, no meio da roda, pingalim a estalar continuamente, um riso sarcastico e implacavel nos labios, excita, chicoteia, espicaça. A roda gira, gira, aos pinotes, aos guinchos, ás gargalhadas, ás contorções epilepticas e sangrentas, a arregaçar a saia até ao baixo ventre, a bater regateiramente no trazeiro, a escabujar, a estrebuxar, a mostrar porcamente a alma sordida e cupida nos mais immundos esconsos. E o pingalim estala continuamente nas mãos crispadas e nervosas de Mirbeau, que não sente a menor piedade ante aquella turba vil, arquejante de fadiga e lustrosa de suor.

O espectaculo chega a incommodar. Alguns espectadores, muito lividos, saem da sala, cambaleando. Eu confesso que não pude ler até ao fim o horrivel «Jardim dos Supplicios».

O estylo é adequado á violencia dos sentimentos. São mancheias de tinta, arremessadas raivosamente para a tela. E' uma torrente impetuosa, aos borbotões e aos saltos, que ás vezes se espreguiça e murmura sobre o areal.

Entretanto, na obra de Mirbeau, que é a mais completa sob o nosso ponto de vista, não se nota demasiadamente a preoccupação da these, escolho onde vão sossobrar tantas tentativas de arte revolucionaria. O artista parece apenas pintar o quadro exacto da vida social, embora lhe faça realçar as taras com traços caricaturaes de extrema violencia, sobretudo no romance, porque o seu theatro, naturalmente, é obrigado a assumir formas mais moderadas.

Nenhum grande escriptor esboçou como elle tipos mais approximados do anarchista militante. Jean Roule, o agitador dos «Maus pastores», é uma bella figura de revolucionario de acção directa. Já os anarchistas de Zola — no *Germinal*, no *Paris*, no *Roma*, no *Trabalho*, — ou são incompletos, ou excepcionaes, ou falsos.

Já em tempos dei a entender algumas das minhas ideias sobre o valor revolucionario da arte. Desde que ella não seja impudicamente destinada a glorificar o crime e a monstruosidade, a arte, mesmo sem pretenções á propaganda nem á catechização, collabora com os militantes revolucionarios, se é posta ao alcance do povo, ou das suas camadas melhores. Commovendo-nos, aperfeiçoando-nos o sentimento, ella torna-nos mais sensiveis e mais sociaveis criando novas necessidades superiores, delicados e finos succedaneos dos prazeres brutaes e animalescos, fomenta a revolta contra uma organização social em que essas necessidades não podem ser amplamente satisfeitas.

Ora, se a excessiva preoccupação da these vem prejudicar esse effeito, produzindo um meio termo entre a obra de arte e a de sciencia, entre o romance e o tratado, com prejuizo para a belleza artistica e para a profundidade scientifica, então permitto-me preferir as duas coisas... mais ou menos separadas. Não sei se offenderei muito a opinião dominante entre os meus amigos e se decahirei muito no seu alto conceito, confessando-lhes francamente que não sinto excessivo enthusiasmo por muitos dos livros de Zola, e que a este prefiro decididamente Mirbeau e Anatole France, entretanto tão diversos um do outro, mas ambos possuindo, entre outras, as sublimes virtudes artisticas da sobriedade evocadora e profunda.

Não quer isto dizer que eu concorde inteiramente com a philosophia que se depreende, ou que se pode depreender da obra de Mirbeau. Mirbeau exaggera as taras e a proporção em que ellas se encontram. A crueldade, a violencia, o sadismo, a cupidez, a hypocrisia apparecem muitas vezes na sua obra como vicios indeleveis, como instinctos fundamentaes da besta humana. E dahi, para o leitor, um sentimento de amarga desesperança, o sentimento desanimador e anti-revolucionario do irremediavel.

O militante revolucionario, pelo contrario, confia no poder da vontade e na educação desta força transformadora, e entende que o homem não é bom nem mau, mas é bom ou mau conforme as circumstancias, conforme o meio em que vive, conforme as condições da sua vida, conforme a situação em que o collocam ou que o deixam occupar. Para que lutariamos com effeito, se assim não fosse?

E isto mostra que Mirbeau não era um militante, nem mesmo um theorico, mas sim um literato, apesar de tudo, um artista, com olhos e alma de artista, reforçado de homem de ideias e de alto sentimento, mas artista em todo caso.

Dos mais perfeitos e completos, sem duvida — e quem nos dera a nós muitos como elle!

NENO VASCO

mais selvagem e macabra das caçadas de que foram testemunhas estas collinas e rincões de serras, desde os tempos em que os habitavam aborigenes.

Transpondo o portão da cadeia publica, o recorrente correu pela rua General Carneiro e vacillante, penetrou na residencia do proprietario e industrial Sr. Julio Cesar Magalhães. Acossado pela policia, sahiu, gritando que o poupassem, que o perdoassem, pois que se entregaria, como de facto se entregava á prisão. A escolta o desancou a sabre, em vez de o segurar e acceitar os braços que elle offerecia ás algemas e ao garrote da policia scientifica deste grande Estado. Em defesa de seu corpo já muito trabalhado pela enfermidade, o requerente, sem um gesto de repulsa á aggressão de que vinha sendo victima, deitou de novo a correr pela rua General Carneiro. Nessa occasião, um policial, cumprindo a ordem terminante que o Dr. Edgard Redondo do Nascimento, em altas vozes e perante grupos de populares apavorados, dava a todos os seus subordinados, disparou a sua carabina, cujo projectil só por felicidade não victimou o supplicante ou qualquer transeunte ou curioso. Penetrou, então numa casa daquella rua, que depois soube ser habitada por Josepha de Souza, e, vencido pelo medo e pela fadiga, occultou-se na privada. A escolta invadiu a casa, ás ordens de seu capitão, e retirou-o do pequeno compartimento que nenhum fecho garantia. Começou o auto-da-fé: ao passo que as mãos do Dr. Edgard Redondo do Nasimento enchiam-lhe o rosto de bofetadas, cinco ou seis sabres manejados por mãos vigorosas lhe enchiam o corpo de pancadas e cutiladas. O peticionario deitou-se, rojou-se ás plantas de seus impiedosos perseguidores, emquanto as mulheres da casa debulhadas em pranto, secundavam o pedido de misericordia. Exgottou-se a grande lista de santos que povoam a côrte celeste, nos labios tremulos do requerente: não havia invocação capaz de aplacar o animo da policia capitaneada pelo Dr. Edgard Redondo do Nascimento! O espancamento redobrava de furia, até que populares, tendo á frente o escriptor Victruvio Marcondes, penetraram na casa e protestaram contra aquella ignominia de que estava sendo victima um homem cahido ao chão, exhausto e quasi sem movimentos.

Amainou-se por momentos a saraivada de golpes; porém, na rua, em face de dezenas de pessoas, os policiaes, sempre ao mando do Dr. Edgard Redondo do Nascimento, que não guardára o seu revólver nem cessara de dar ordens, recomeçaram a faina menos leal de espancar um homem desarmado, que não offerecia qualquer resistencia e não proferia palavras sinão para supplicar perdão.

Chegando á cadeia publica, o Dr. Edgard Redondo do Nascimento mandou fechar o portão para impedir a entrada do povo que viera acompanhando a extranha diligencia, e, acto continuo, á vista do Dr. Oscar Pirajá Martins, que ali se conservára, e dos presos que se acham recolhidos aos xadrezes desta localidade, ordenou que despissem o requerente e que quatro praças do destacamento se munissem de grossos rebenques (vulgarmente chamados «rabos de tatú») e desancassem a victima enerme e submissa.

Foi uma scena dantesca, segundo a expressão consagrada. O Dr. Edgard Redondo do Nascimento renovou os murros na face do peticionario e, a seguir, seus subordinados, com aquelles instrumentos aviltantes, desancaram-n'o sem piedade, cobrindo-o de feridas e ecchymoses aos olhos do medico, que se achava presente, e da população, que, á porta da nova Bastilha, ouvia os gritos lancinantes do padecente e a quêda do latego em carne núa.

Após esses tormentos, foi a victima ensanguentada, recolhido á solitaria (pois, existe solitaria na cadeia desta cidade!) donde só sahiu quando, á noite, V. Excia, attendendo ao pedido do dr. João Baptista Bôa Vista, que por sua vez transmittia as queixas da população, ordenou ao Dr. Edgard Redondo do Nascimento que o fizesse.

Ainda hontem, ao meio dia, o Dr. Edgard Redondo do Nascimento, chamando ao seu gabinete os drs. João Baptista Bôa Vista e Ary Fialho, advogados nos auditorios desta comarca, que se achavam no pavimento inferior do Forum a serviços profissionaes, declarou-lhes, sem pedir nenhuma reserva, que mandára de facto desancar o requerente a chicote, porém, que o fizera para exemplo dos outros detidos e em beneficio da sociedade.

O peticionario forra-se a mais commentarios porque a gravidade excepcional do facto salta aos olhos.

. . . .

Ahi está, em termos claros e sem nenhum exaggero, o terceiro facto em toda a sua revoltante barbaridade. Bordar-lhe outros commentarios seria desfazer no bom senso dos leitores.

A população desta cidade, justamente revoltada, já formulou o seu juizo e somente aos seus reconhecidos sentimentos de nobreza se deve attribuir a attitude calma que assumiu.

Em virtude da petição de que transcrevemos grande parte, o M. Dr. Juiz de Direito da comarca fez submetter Angelino de Souza a exame, no dia 28, ás duas horas da tarde, pelos Drs. Cesario Ferreira de Brito Travassos e Heitor da Gama Corrêa, que constataram a veracidade do allegado.

Eis a parte descriptiva do auto de corpo de delicto.

«Passando ao exame do habito externo, notaram um ferimento contuso na parte superior da região frontal, de quatro centimetros de extensão, dirigido obliquamente da esquerda para a direita, interessando a derme; outro ferimento de igual natureza, situado no nariz; edema pronunciado da face esquerda e das palpebras inferior e superior do mesmo lado; LARGAS E LONGAS CONTUSÕES E NUMEROSAS ECCHYMOSES ESPALHADAS PELO DORSO, PELA FACE ANTERIOR DO THORAX E PELOS BRAÇOS, TENDO ALGUMAS DELLAS DETERMINADO EXTRAVASAMENTO DE SANGUE; edema doloroso situado na região da nuca e um ferimento contuso no joelho esquerdo. As mencionadas contusões e ecchymoses apresentam varias direcções, SENDO, PORE'M, TODAS OBLIQUAS. O examinando accusa dôr ao respirar, tosse, e escarros sanguinolentos. Pela escuta, verificaram haver obscuridade dos ruidos respiratorios no apice do pulmão direito.»

Apesar de bastante completa essa descripção, procuramos os peritos e delles ouvimos que os ferimentos que Angelino apresenta são sem numero, são incontaveis, pois, só os do tronco recobrem toda a parte de tal modo que, si o paciente fôra branco ao envez de mulato, teria o peito e as costas literalmente roxas: e ouvimos mais que esses ferimentos foram praticados a sabre e a chicote *ou rabo de tatu'*.

Como «O Municipio», jornal local que relatou o facto, entendemos desnecessario e inutil adduzir quaesquer outros commentarios. Que o povo os faça e, em seguida, cante louvores ás excellencias desta bemaventurada republica . . .

CONTRA A TYRANNIA INDUSTRIAL

A AGITAÇÃO PROLETARIA ESTENDE-SE

Novas gréves—Manifestações publicas—Boicotagem
Accôrdo geral

A gréve dos tecelões

A decisão dos operarios já vae desnorteando os burguezes

Encontra-se no mesmo pé o movimento dos operarios do «Cotonificio Rodolpho Crespi».

O referido explorador persiste em não attender ás reclamações dos operarios. Propoz um misero augmento de salarios a uma parte, com o fim evidente de os dividir.

Enganou-se, porém, pois os grevistas continuam dispostos á luta até á victoria de sua justa causa.

Reunem-se elles diariamente na Liga Operaria da Moóca, onde tratam animadamente da greve e do movimento obreiro em geral.

O *cavalliere* . . . de industria está tão apavorado que já mandou a sua familia para o Guarujá, raramente apparecendo no palacete da Avenida.

Como se sente culpado, teme a vindicta de suas victimas, cujo desespero vae attingindo o auge.

Para se distrahirem, o grande parasita e os seus entregam-se á jogatina, perdendo dezenas de contos nos clubs de alto coturno.

Os productos do "cavalliere" boicotados

Os operarios em luta resolveram aconselhar a boicotagem dos productos do «Cotonificio Rodolpho Crespi», estando distribuido boletim nesse sentido.

Esforçando-se para salvar o burguez a policia tem apprehendido muitos desses boletins

Com que direito faz isso? Com o direito do mais forte, que hoje está com os exploradores e tirannos.

Na fabrica de Nami Jafet

A corporação da fabrica de Nami Jafet, situada no Ipiranga, tambem se declarou em greve, reclamando o pagamento de seus salarios em atraso, com augmento dos mesmos e cessação do trabalho ás 16 horas nos sabbados.

O burguez, que tambem os sujeitava á sua exploração no armazem da fabrica e que pretendia fazel-os seus instrumentos politicos, se esforça para vencer os operarios, mas estes estão firmes, realizando reuniões publicas.

Comicios e passeatas

A burguezada assusta-se

A pacatez vagabunda da burguezada do centro da cidade foi perturbada pelo clamor dos operarios grevistas em manifestação.

Afim de reclamar a liberdade de seu companheiro preso, os trabalhadores — homens, mulheres e crianças — vieram em columna até a frente da Policia Central, reunindo depois em comicio no largo da Sé, onde falaram dois camaradas e uma companheira.

Num dos dias da semana, os grevistas da Moóca foram incorporados até o Ipiranga, onde, conjunctamente com os operarios da fabrica de Nami Jafet, realizaram um comicio.

A gente do burguez, que mora nas immediações onde se reuniram os operarios, julgando que havia chegado a hora da justiça popular, fecharam-se a sete chaves.

Como elles sabem que têm culpa no cartorio.

Agitação em Votorantim

Os operarios continuam firmes em seu movimento reivindicador

Ainda não cessou a agitação dos tecelões que trabalhavam no feudo do Banco União, agora arrendado a outros argentarios.

Precisando receber os seus salarios em atraso, os obreiros fizeram uma reclamação nesse sentido. Os escravocratas directores da fabrica mandaram, por isso, que ella fosse fechada, intimando 42 operarios, attingidos pela antipatia do pulha que occupa o logar de feitor-mór, a deixarem as casas do Banco.

Os trabalhadores não se submetteram a essa infamissima violencia, mantendo-se todos firmemente solidarios na reacção contra a exploração de que eram victimas da parte de uma empresa que tem apresentado balancetes com lucros fabulosos.

Protestando contra as mentiras descaradas que a directoria da fabrica divulgou pela imprensa, os operarios distribuiram o boletim seguinte:

COMPANHEIROS DE TRABALHO E DE MISERIA

Vendo o seu jogo descoberto e estigmatizado, até pelas folhas mais cotadas e insuspeitas de Sorocaba e de S. Paulo, os mandões da FABRICA VOTORANTIM — gente sem coração e sem criterio, recorrem, agora, ao patrocinio reles e fraudulento das inserções a pagamento, para encobrir a verdade, espalhar mentiras e calumnias, para amedrontar-nos julgando-nos, talvez, um bando de carneiros sem discernimento.

Não contentes de nos terem reduzido — sem justiça alguma, á impossibilidade da mais precaria subsistencia, querem, ainda, prejudicar-nos moralmente, indicando-nos como intrataveis, desordeiros e anarchizadores systematicos. Mas a opinião publica, que conhece todos os antecedentes do dissidio entre a gerencia e o operariado da fabrica Votorantim, já pronunciou franca e altamente o seu inappellavel veredictum, e não serão, agora, as diffamações negras dos annuncios lautamente pagos que terão a virtude de inverterem os factos, nem de privar-nos da fraterna solidareidade dos nossos companheiros de trabalho, que bem conhecem os propositos, muito legaes, muito modestos que nos guiaram nas legitimas reclamações.

Companheiros de trabalho e de miseria:

Ninguem, melhor do que vós, conhece toda a verdade acerca dos factos que originaram a nossa angustiosa situação.

Não deixeis que vos illudam com artimanhas e falsas promessas.

No presente conflicto de interesses, o triumpho dos exploradores sem consciencia, isto é, o fracasso, por falta de solidariedade, das nossas modestissimas aspirações, seria a vossa maior vergonha, seria o precedente nefasto das vossas inevitaveis humilhações futuras.

Quanto antes convocaremos uma grande reunião para tratarmos dos nossos interesses immediatos, confiados no vosso indefectivel concurso.

Irmãos! Collocae-vos na altura deste momento bem critico para nós todos! . . .

Os operarios e operarias da Fabrica Votorantim injustamente despedidos.

O movimento dos canteiros

Não obstante a resistencia dos exploradores, os grevistas não recuam

Os canteiros de Ribeirão Pires, Louveira e Itaquera continuam em lucta com os gananciosos empreiteiros, que, esperando vencel-os pela fome, ainda resistem, negando-se a conceder o mesquinho augmento de salarios por elles reclamado afim de poderem attenuar as suas condições de miseria.

Os odiosos sanguesugas estavam acostumados a extorquir o producto do pesado esforço dos obreiros nas pedreiras e no seu armazem, onde tudo era vendido por preços fabulosos e muitas vezes em mau estado, e, por isso, não se podem conformar com a reducção dos grandes lucros.

Hão de, porém, de ceder, se os operarios continuarem a se manter solidarios e se decidirem a agir com a necessaria energia.

E', portanto, deveras lastimavel que os operarios occupados na pedreira de Cotia hajam rompido o accôrdo com os seus companheiros acceitando condições que em nada melhoraram a sua situação tormentosa.

Com esse incorrecto proceder prejudicaram os grévistas, favorecendo, naturalmente, os patrões expoliadores.

Ponderem, pois, bem e verão que o seu logar é ao lado dos grevistas em luta contra os ladrões do trabalho proletario.

Os marceneiros tambem se agitam

Greves em varias officinas

Estão em grève os operarios marceneiros de varias officinas, que reclamam augmento de salarios.

O movimento está sendo sustentado com enthusiasmo, sendo completa a solidariedade entre os grevistas, que têm realizado reuniões diarias no Bom Retiro, em uma das quaes foi constituida a Liga Internacional dos Marceneiros.

E' bem possivel que ao apparecer este numero d'*A Plebe* os patrões já tenham sido obrigados a acceder ás exigencias dos operarios.

Em pról dos grevistas

E' preciso ajudal-os a resistir

Desorientados pela decisão dos operarios, os patrões, verificando que não os podem submetter por meio de enganos ou ameaças, procuram obrigal-os a voltarem vencidos para os seus ergastulos industriaes sujeitando-os ao regimen da fome.

Prolongando as gréves, julgam poder conseguir essa infamia.

Isso não póde, não deve succeder; sob pena da classe proletaria toda se tornar cumplice de semelhante delicto.

Para auxiliar os grevistas mais apertados pelas necessidades, foi aberta uma subscripção, estando correndo listas por todas as associações, grupos e nos logares de trabalho.

Saiba cada trabalhador dar aos seus companheiros em luta uma necessaria prova de positiva solidariedade.

E' preciso ajudar os operarios em luta a resistir contra a prepotencia dos parasitas sociaes.

Para uma acção conjuncta

Um "comité" de todas as agrupações proletarias

Por iniciativa das Ligas Operarias do Belemzinho e da Moóca, realizou-se quarta-feira, no Salão Germinal, uma reunião de representantes de varias agrupações proletarias de S. Paulo, afim de se accordar as bases de uma acção conjunta na melindrosa situação actual.

Após animada trôca de ideias, ficou assentada em principio a constituição de um *comité* geral.

Amanhã, ás duas horas da tarde, no mesmo local, haverá nova reunião, na qual, depois de se tomar conhecimento das resoluções tomadas a respeito pelas sociedades, se ultimarão os trabalhos para a constituição do *comité*.

E' uma iniciativa merecedora de todo apoio, sendo, por isso, de esperar que os companheiros se esforcem para que ella seja levada a cabo com a maxima urgencia.

Os Anarchistas e a policia

Os anarchistas cá do Rio acabam de desgostar-me com a sua ultima aventura de um celebre *meeting* gorado. E porque foi gorado o *meeting?* Ora, muito simplesmente porque o *Chefe* não se dignou permitti-lo.

Essa cousa de *meeting* anarchista condicionalmente sujeito á bôa ou má disposição policial, é, franquezinha, irrisorio, ia mesmo a dizer, indecoroso. Pois que os meus camaradas anarchistas, não devem para fazer os seus protestos, para levantar a sua voz contra os tyrannos que nos turturam e nos aviltam, contar com policias de quaesquer matizes, e sim gritarem forte e firme o seu odio e sêde de desforra, muito embora soffram com isto os delicados orgãos auditivos de Suas Excellencias.

Ir antes de protestar, rabicho entre as pernas, á consulta das autoridades, implorando-lhes quasi a sua permissão; sujeitar um movimento de rebeldia ás disposições dum bisborrórias qualquer: chefe de policia bebedo ou cornudo auxiliar — poderá ser, para algum espirito ingenuo ou menos sceptico, *movimento anarchista*, cá para mim, porem, não passa de deploravel brincadeira.

A missão da policia, essa casta desprezivel entre as mais desprezivels cousas, é manter longe da mais leve perturbação, a calma lodoso e cevadora dos burguezes. Com esses cães de guarda que roem incessantemente o osso descarnado da ignominia, devem de continuo contar os libertarios que ousam levantar a voz acima do vulgar, voz que sopra revoltas e acorda deslumbramentos d'emancipação . . .

Della não devem esperar os que, em praça publica, arrojam-se a pintar em cambiantes fortes o negro quadro da escravização, outra cousa que bala, pois que o peito largo e generoso do trabalhador foi sempre, e por muito continuará a se-lo, alvo grande e preferido dos trabuqueiros da lei. Com a policia devem contar sempre os que se lançam em movimentos libertarios. E esses movimentos, muito ao contrario do que secede, devem sobrepujar em enthusiasmo, as façanhudas proezas dos beleguins. Não se faz um *meeting* anarchista como se faz um outro *meeting* qualquer.

Um *meeting* anarchista não é um *meeting* commum, e só duas cousas podem e devem influir para que elle não seja levado a effeito: a morte ou a cadeia.

Lá porque um capitãosito se despejou do cavallo e de nariz e vóz avinagrada, grita: — Alto! — gorado o *meeting*, não!

Sobre ser covardia, seria o descredito de nossas convicções, si nossos protestos — brados de peitos que sentem, pudessem ser abafados, pelo simples alvoroço dum tarimbão de caca.

Os *meetings* anarchistas não podem ser prejudicados, senão quando ou presos os seus promotores, ou trucidados pela ferocidade burgueza os que nelle tomarem parte.

E' preferivel (no meu modesto entender, vê-se logo) conservarem-se em casa calmamente, os que *pacatamente* pretenderem promover manifestações de desagrado á desorganização social que nos afflige. Pacatamente digo, no respeitante á posição tomada e a tomar em face da policia.

Nada de autorizações; e si ella intervem, só violentamente o possa dissolver.

Então, oh! como seria salutar a dynamite. Sinto todo meu ser sacudido por indiziveis tremores; crispam-se-me os dedos, dilata-se-me o peito e com o olhar illuminado imagino o grandioso espectaculo do desbaratamento dessa tropa vil dos calças vermelhas, envolta nas fumaradas da bomba reivindicadora!

Valeska-Maria

27-6-917.

Materia que fica

Fomos forçados a deixar para o proximo numero muita materia destinada para este.

Os nossos collaboradores e leitores relevarão essa falta, que esperamos remediar com a normalização do serviço da typographia.

Ultima hora

Parece estar confirmada a victoria dos operarios da fabrica de Nami Jafet, no Ipiranga, que ha dias se achavam em greve.

A Igreja Christã

A igreja christã não é, como geralmente se pensa, uma instituição verdadeiramente sublime, baseada na doutrina de Christo. Ao contrario do que se imagina, ella é uma instituição anti-christã, baseada num fundo immoral que repugna. As violações que sof- fre todos os dias a philosophia do mestre, estão ahi para confirmar o que dizemos.

Creada exclusivamente para satisfazer as mesquinhas paixões de uma congregação gangrenosa, a igreja christã, debaixo do enthusiasmo christão que apregôa, tem sido a causa eterna das maiores calamidades.

Como bem disse Tolstoi, «ella e o christianismo só têm de commum o nome: são elementos diametralmente oppostos e antagonicos. Um é humildade, penitencia, submissão, progresso, vida; outro é orgulho, violencia, autocracia, petrificação, morte».

Em todos os tempos a igreja christã sempre foi a fonte perenne e inexgotavel de todas as iniquidades, a origem de todas as torpezas, o factor principal de todas as barbaridades.

Para provarmos isso basta falarmos na Inquisição. A historia nos conta bem claramente o que foi esse horroroso tribunal ecclesiastico que desde o seculo XII ao seculo XIII enxovalhou a civilisação européa com o sangue de milhares de herejes.

Cantu, na sua notavel «Historia Universal» assim se exprimiu a respeito da matança dos que se rebellavam contra a igreja christã: «Cada victoria dos catholicos era uma orgia de sangue, em que a ferocidade e a cobiça da soldadesca juntavam as suas façanhas aos requintes de crueza do clero inquisidor. O fogo completava a destruição da espada, e as maldições canonicas perseguiam as victimas ainda além do supplicio pavoroso».

Se fossemos enumerar todos os crimes perpetrados pelos legados do Papa, nesse tempo do terror, longe iriamos. Por tal motivo abstemo-nos dessa tarefa longuissima que mais horrorisaria o leitor que nos desse attenção.

Instituida para saciar os impulsos tremendos do fanatismo da época, a Inquisição será eternamente o phantasma horripilante que sempre condemnará a igreja, impedindo-a de se proclamar uma instituição feita sob os moldes dos ensinamentos de Jesus.

Inimiga da sciencia, a igreja jamais deixou de atacal-a com o desejo de extinguil-a, dizendo pela bocca de Santo Agostinho: «Só devemos acceitar o que for sanccionado pela autoridade da Escriptura, porque ella é superior a todo o engenho humano».

Foi por isso que em 1600, quando Giordano Bruno, o sabio illustre italiano, procurava explicar a formação do mundo pelas nebuloses, teve de se calar entre as chammas daquella fogueira celebre.

Newton, dois seculos depois, descobrindo a lei da gravitação universal foi flagellado porque — dizia a igreja — *havia tirado a Deus a acção directa sobre a sua obra, que constantemente lhe é attribuida pela Escriptura, transferindo-a para o mecanismo material*.

São dois casos revoltantes!

Sómente elles bastariam para incitar a nossa vingança contra essa instituição que é iniqua, absurda e deshumana, que semeia a dôr, a ignorancia, o luto e a desgraça, que embrutece as intelligencias e que produz o sangue.

Diante desses e de outros factos, ninguem deveria deixar de comprehender o quanto é necessaria a desapparição dessa congregação que se denomina — com todo o cynismo que lhe é proprio — christã.

Já é tempo de a destruirmos.

F. A. L.

S. Paulo, 1917.

NOVAS DE CLERICALOPOLIS

A famosa «Princeza d'Oéste» transformada em covil dos roupetas.

De alguns annos para cá, e mormente depois que aqui arribou essa ave negra, que além de bispo é conde, o clericalismo, em Campinas, tem tomado um tal incremento que se pode vaticinar a decadencia moral e material, aliás bem palpavel, da historica «Princeza d'Oéste», berço incontestavel de celebradas mentalidades.

Essa decadencia já se nota assustadoramente; basta lembrar a paralysação de todas as obras que se dizem leigas para dar logar áquellas que, embora veladamente, sempre têm a influencia nefasta do clero.

Com a labia que lhes é peculiar, conquistaram *in totum* as sympathias do não menos nefasto governo e, com o auxilio deste, militarisaram todos os seus collegios.

Tambem é naturalissimo...

O clero, pernicioso por natureza, nunca poderá ensinar aos homens nada que a estes convenha saber.

Até ahi está no seu papel, mas o que vem ao caso e é digno de registrar-se, é o alarde e a grotesca exhibição que faz do seu militarismo que, pomposamente, em batalhões compactos, abre e acompanha todas as suas procissões.

Vem a pello ainda citar que nas mesmas procissões, tocam o hymno nacional! E' simplesmente inedito e impagavel!

Fechando esta ligeira chronica, devo dizer que se poderá formar idéa do quanto o clero e seus famigerados asseclas estupidificaram a infeliz população desta cidade, lembrando que a obrigam a sustentar nada menos que tres bispos!

Que responda o povo:

E' decente? é christão? sustentar-se tres bispos em uma cidade em que pela exiguidade de meios de se ganhar a vida, a miseria tornou-se negra?

Oh, povo! De uma vez para sempre, fóra com esses tartufos e crapulas exploradores!

José Alódio.

Campinas, 1. de Julho de 1917.

Tyranno, sim; libertador, não

Graças á extremosa gentileza de um dedicado, intelligente e estudioso amigo, chegou ás minhas mãos pelo correio um recorte de um jornal que se publica em São Paulo, (parece que seja Il Piccolo.) e acompanhado de algumas ligeiras linhas, onde se lê: «Voce, certamente, com a leitura desse recorte que lhe envio ha de sentir no seu intimo um profundo impeto de justificada revolta e não deixará de commental-o.»

O recorte em questão, que traduzo do italiano, resa o seguinte: — «Petrogrado, 19. Nos subterraneos do Palacio Imperial, situado em uma ilha do Neva, foram encontrados os cadaveres de 5 homens, em perfeito estado de conservação. Estes cadaveres tinham as mãos e os pés amarrados. Acredita-se que sejam os cadaveres de 5 revolucionarios, que foram condemnados á morte em 1815. Preparam-se para os 5 cadaveres, que testemunham a tyranica ferocidade czarista, solennes funeraes que serão organizados de accordo entre os varios partidos revolucionarios.»

Com effeito, adivinhou o meu bom amigo, que, aliás, sympatiza com as minhas idéias. Esse facto havia de revoltar os meus centimentos.

Mas commental-o?

Então o meu bom amigo julga talvez que esse seja o unico?

Esses crimes sob o regimem do czarismo, eram constantes. Por esse motivo era qualificado com justificada razão o regimem do terror e da morte. E foi justamente por esses e outros infames processos que conseguiu escravizar por tanto tempo o povo russo. Pois bem, essa criminosa testa corôada, como criminosas são todas as testas corôadas ou não, contanto que sejam governantes, por occasião do rompimento das hostilidades na Europa teve a desfaçatez de affirmar, e a imprensa burgueza sustentou-o, que elle conduzia a Russia ao tremendo conflicto para defender a civilização, o direito e as liberdades dos povos. Ora a imprensa burgueza, sustendando isso, importava em dizer que o imperador, hoje desthronado pelr revolução russa, era a alma e o guarda das liberdades.

Este facto demonstra exactamente o contrario. E demonstra tambem que a imprensa burgueza, affirmando que o imperador levava a Russia a tomar parte no conflicto para defender o direito e as liberdades dos povos, mentia e enganava.

Attesta o que eu venho dizendo a nota final do recorte, precisamente na parte onde affirma que essas 5 victimas testemunham a tyrannica ferocidade czarista.

Tyranno, criminoso e feroz, como o são todos os corôados ou não, concontanto que sejam governantes, — sim. Libertador, não.

ZEFERINO OLIVA.

Barretos, 22-6-1917.

«A Plebe» em Bello Horizonte

Vende-se na casa dos srs. Giacomo Aluotto & Irmão, á rua da Bahia, 986

Correio plebeu

SANTOS — M. S. d'A. Cadete: Oxalá não nos falte a ajuda dos companheiros para sustental-o e fazel-o circular por todo o paiz. Cá te esperamos. Foram-te expedidos todos os numeros.

S. PAULO — A. de Moraes: Remettemos-lhe os 4 numeros.

ITAPIRA — A. P. Machado: Por indicação do sr. P. G. de Oliveira, iniciamos a remesss d'*A Plebe*.

CAMPINAS — A. L. de Oliveira: Recebemos os 1$000 para a subscripção voluntaria. De facto, essa cidade poderia ser chamada «Clericalopolis».

S. LUZIA DE CARANGOLA — Angelo Menicuce: Foram-lhe remettidos os numeros publicados. Iniciamos a remessa para o comp. V. Giori. E' preciso trabalhar para abreviar o nosso triumpho.

CORUMBATAHY — F. Sobczyk: Recebemos a importancia de sua assignatura annual.

NICTHEROY — V. Maria: Contamos com o auxilio dos camaradas para a divulgação do jornal nessa cidade.

ARARAS — J. B. de Moura: Satisfizemos o seu pedido. Facilitará a sua leitura aos seus companheiros de desventura.

VALENÇA — E. E. Gonçalves: Registramos os 10$000 de sua assignatura annual. Não temos os livros que deseja.

RIO — Jildo: Riscámos os endereços indicados e registrámos os novos. Doravante respeitaremos religiosamente o I... Mandarás o pacote de 50 e depois veremos.

RIO — J. S. da Rocha: *A Plebe* está-lhe sendo remettida desde o 1.o numero.

CHAVANTES — H. Alves: Agora é preciso dar-lhe vida desafogada, para que elle possa ter larga divulgação. Segue o pacote pedido.

RIO — A. Vasques: Os 5 exemplares do 1.o numero foram remettidos. Pagarás á razão de 1$400 por numero.

POSSE DE RESACA — J. Maria de Freitas: Expedimos-lhe todos os numeros.

CAMPINAS — A. Moreira: Surpreendeu-nos deveras a sua resolução. Gostariamos de saber qual foi o motivo que a determinou. A opinião dos velhos amigos é sempre bem acatada.

S. SEBASTIÃO DOS CORRENTES — A. A. Barroso: Como dispomos de pouco espaço, é necessario que os nossos collaboradores se esforcem para não nos remetterem trabalhos longos. Todo o auxilio será bem acceito e contribuirá para dar mais vigor á obra do jornal.

SANTOS — E. Lima: Farás com que os teus afazeres te deixem o tempo bastbnte para não olvidares *A Plebe*. Folgaremos em receber a tua visita á nossa barricada.

SANTOS — S. Joffre: Felizmente, a noticia de que Kropotkine perecera num naufragio, quando de regresso para a Russia, não se confirmou. Acha-se elle apreciando de perto os grandiosos acontecimentoe que naquelle paiz se estão desenrolando. Registrámos a importancia de um semestre.

S. PAULO — F. O: Enviar-lhe-emos O Debate. Que tiporio nos saiu o tal fulano... Bem diz o ditado que o trage não faz o monge. Ser-lhe-á remettido outro exemplar do n. pedido da *A Lanterna*.

RIO — T. André: Enviar-nos-á logo que possa. Registramos o endereço.

RIO — M. de Macedo: Aguardamos as tuas informações sobre os vendedores dahi. Avia-te antes que o amavel Aurelino se resolva a fazer-te alguma gentileza...

Carta do Sertão

Caros plebeus,

Um feliz acaso fez-me chegar ás mãos a preciosa e excellente «A Plebe» que veio encher o meu espirito rebelde de novas e bellas energias. Sinto bastante em me encontrar nestas longinquas paragens onde é difficillimo ter a satisfação de conversar com um anarchista. Oh! como desejaria estar nessa cidade, junto dos amigos plebeus, com elles discutir e trocar idéas. A luta pelo ideal grandioso e sublime é a mais digna do individuo culto e emancipado.

Viver lutando, viver discutindo, viver propagando um ideal de belleza e justiça é um dos maiores e dos mais grandiosos deveres do propagandista que ama e preza as idéas prégadas pelos Malatesta, pelos Grave, pelos Faure e tantos outros precursores de uma sociedade mais humana, de um mundo que ha de vir. «A Plebe» como um orgam de combate, «A Plebe» como um orgam de luta, «A Plebe» como um orgam de propaganda está destinada ao maior e mais franco successo.

Caminhamos dia a dia para um outro estado de coisas, para um amanhã de felicidade, onde todos viverão contentes e satisfeitos. Que a «A Plebe» continue a trilhar pelo mesmo caminho, porque dessa forma contribuirá extraordinariamente para a derrocada desta torpe e infame sociedade burgueza, vergonha da humanidade consciente. Que «A Plebe» continue a circular cada vez mais por todo este vasto e grande paiz, dando energia aos lutadores, coragem aos timidos e illuminando os cerebros atrophiados, os cerebros obscurecidos pela ignorancia e pelos preconceitos. São estes os votos que faz ardente e calorosamente o

Plebeu do Sertão.